

## BAGÉ, JÚLIO DE CASTILHOS E JOCA TAVARES: ENTRE UM SAQUE E UM SÍTIO

**ANDRADE, Gustavo Figueira<sup>1</sup>; LOPES, Aristeu Elisandro Machado<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas, graduando em História / Bacharelado, Bolsista PROBIC / FAPERGS; <sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas, Núcleo de Documentação Histórica.  
aristeuufpel@yahoo.com.br.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente resumo tem por finalidade abordar fatos referentes aos saques realizados em Bagé tanto por legalistas em 1892, quanto pelos Federalistas durante o cerco de Bagé, na Revolução Federalista de 1893. A Revolução Federalista foi um conflito armado ocorrido no Rio Grande do Sul entre 1893 e 1895. Trata-se de uma disputa política pelo poder do Estado do Rio Grande do Sul e que envolveu dois grupos políticos com ideias e doutrinas políticas diferentes. De um lado, estavam os seguidores de Júlio de Castilhos, o qual já desenvolvia sua campanha republicana influenciada pelos ideais positivistas<sup>1</sup>. Do outro, aqueles que defendiam os ideais federalistas e chefiados por Gaspar da Silveira Martins<sup>2</sup>. No ano de 1892, Bagé havia sediado a convenção do Partido Federalista, terra de Joca Tavares e de Silveira Martins, além de ser uma cidade que possuía uma significativa guarnição, tinha ligação ferroviária com a cidade de Rio Grande e proximidade com a fronteira, era então um grande alvo estratégico. No entanto, a maioria dessa produção tem, por um lado, se voltado a averiguar as questões políticas que desencadearam o conflito, abordando-o de uma maneira mais geral<sup>3</sup>. E, por outro, determinadas pesquisas visaram os combates ocorridos no norte do Rio Grande do Sul e na sua extensão para os estados de Santa Catarina e Paraná<sup>4</sup>. Com base nessas informações, procuramos então mostrar o contexto do cerco de Bagé, mostrando como antecedente desse fato, um saque realizado em 1892 a cidade, durante a rendição do General Joca Tavares.

### 2 METODOLOGIA

<sup>1</sup> Sobre a questão do positivismo ver: PINTO, Céli. *O Positivismo. Um projeto político alternativo (RS:1889-1930)* Porto Alegre: L&PM, 1986; TRINDADE, Héglio (Org.). *Positivismo: teoria e prática*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

<sup>2</sup> Sobre as disputas políticas ver: FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.

<sup>3</sup> Entre outros: PESAVENTO, Sandra. *A Revolução Federalista...* Op. Cit.; NEVES, Francisco. *Pensar a Revolução Federalista*. Rio Grande: FURG, 1993; FLORES, Hilda (Org.). *Revolução Federalista*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993.

<sup>4</sup> MONTEIRO, Paulo. *Combates da Revolução Federalista em Passo Fundo*. Passo Fundo: Berthier, 2006; ALBERNAZ, Paulo. *Episódios da Revolução Federalista no Paraná*. São Paulo: Brasiliensia Documenta, 1979.

A metodologia utilizada foi a pesquisa realizada em jornais que circularam entre os anos de 1892 a 1895. Da cidade de Pelotas foram pesquisados: *O Nacional*, *Tribuna Federal*, *Gazeta da Tarde*, *A Reforma* e *Correio Mercantil*, *Diário Popular*, e de Rio Grande: *Echo do Sul*. Desses jornais foram extraídos diversas notícias sobre os saques realizados, tanto de federalistas como dos castilhistas acerca dos saques realizados durante os anos de 1892 e 1894. Em alguns jornais como o *Diário Popular*, encontramos um forte posicionamento político em defesa de Floriano Peixoto e Júlio de Castilhos. Já no jornal *Echo do Sul*, pode-se notar um posicionamento em defesa do Partido Federalista, inclusive com a publicação de diversas notícias que contradizem as informações publicadas nos outros jornais que apoiavam o Partido Republicano Rio-Grandense, divulgando crimes que eram atribuídos aos legalistas e ao governo considerado tirânico de Castilhos. Dessa forma, notamos que as contradições oferecidas pelas notícias, nos oferecem uma visão dos acontecimentos nos dois lados do conflito. Foram também consultadas no Museu Dom Diogo de Souza, em Bagé, mais de cem fotografias contemporâneas a revolução que mostram alguns dos locais que foram saqueados durante os conflitos.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Através das pesquisas realizadas, os jornais fazem referências a desordens e saques ocorridos em diversos estabelecimentos tanto na cidade como na campanha, no ano de 1892, portanto um ano antes da eclosão da Revolução. Com o auxílio de fotografias contemporâneas ao conflito, fotografadas por José Greco, que mostram alguns lugares que são descritos nos relatos encontrados, durante o cerco a Bagé em 1893, podemos compará-las com as informações obtidas. Os resultados alcançados através da pesquisa nos jornais e nas fotografias serão demonstradas nos parágrafos seguintes.

Bagé era uma cidade na qual os federalistas gozavam de uma grande simpatia dentre a população, além de ser uma cidade de grandes estancieiros, a grande maioria deles formavam o Partido Federalista e o próprio General Joca Tavares havia comandado uma das guarnições da cidade, o 5º Regimento de Cavalaria.

[...] o general João Nunes da Silva Tavares chegará amanhã a Pelotas, e ali aguardará ordem do governo federal para saber a quem deve entregar o comando da guarnição de Bagé [...]. (*Correio Mercantil*. Pelotas, p.2, 15 jun. 1892.).

Em novembro de 1891, sob o comando de Floriano Peixoto, ocorre a dissolução do Congresso Nacional e é derrubado o Marechal Deodoro da Fonseca. Júlio de Castilhos, então presidente do Rio Grande do Sul, que apoiava Deodoro, foi retirado do poder por republicanos dissidentes. Devido à reunião do Partido Federalista em Bagé, a volta de Silveira Martins ao cenário político e o medo do parlamentarismo, Castilhos resolveu se aliar com Floriano Peixoto.

Com o apoio do governo de Floriano, Castilhos realizou um golpe político retirando do poder os federalistas, no exato momento em que o general Joca Tavares havia sido convidado a fazer parte do governo como vice-presidente do Estado, a convite do Visconde de Pelotas.

Após esse acontecimento, Joca Tavares decide resistir e se nomeou governador em Bagé. Castilhos apoiado por Floriano Peixoto, que enviara tropas do exército, e com a utilização da brigada militar, enviou as tropas para Bagé para que fosse rendida a guarnição sublevada sob ordens de Tavares, e de outras tropas de líderes federalistas que estavam reunidas na cidade para lutar ao seu lado. Com a chegada dos legalistas a Bagé, Tavares reconheceu as tropas do governo federal e se rendeu ao coronel Arthur Oscar de Andrade Guimarães, contanto que as tropas dos coronéis Pedroso e Motta não entrassem na cidade enquanto as suas tropas estivesse nela.

Assim, foram dissolvidas as tropas a comando de Tavares e de outros chefes militares, várias famílias, principalmente as de federalistas, retiram-se da cidade receando que ocorressem violências e saques, como de fato ocorreu. As tropas legalistas entraram na cidade de Bagé, em julho de 1892, inclusive os coronéis Pedroso e Motta, e mesmo sob o comando do coronel Oscar, promoveram saques a estabelecimentos comerciais, fazendas, e também violências contra os cidadãos. É possível averiguar a situação da cidade, através de uma carta publicada no jornal *A Reforma* de Pelotas, em 1892, na qual se descreve o terror que acometeu a cidade e seus cidadãos.

O povo desta cidade e município é testemunha diretamente, tem enchido de pavor e desânimo a todas as famílias, a todos os homens honestos, mesmo aqueles que neste lugar mais sacrifícios fizeram pela elevação de Sr. Julio de Castilhos ao poder. [...] A desolação do povo é enorme. Narrar todas as violências, todos os fatos criminosos que o Proconsul [sic] do Sr. Julio de Castilhos e sua gente têm cometido em Bagé, é atualmente um perigo, porque a ameaça de morte paira sobre aquele que ousar divulgar qualquer ato selvagem desse sujeito. (*A Reforma*. Pelotas. p.1, 6 ago. 1892.)

Isso tornou mais simbólica ainda, até mesmo como uma questão de honra, a tomada da cidade. Em 1893, os federalistas se dirigiram para Bagé, “mais de um mês antes o inimigo acampava nas cercanias [...] degolando todas as pessoas que encontrava, deixando insepultos os cadáveres, depois de despidos [...]” (*Diário Popular*, Pelotas. 24 jan. 1894). O cerco, de fato, já havia começado, embora as tropas federalistas ainda não tivessem entrado na cidade. A 22 de dezembro, quando as forças se aproximaram da cidade e iniciaram o sitio; já no dia 24 as tropas federalistas invadiram a cidade e promoveram saques e desordens de todos os tipos.

[...] os maragatos, logo que penetraram a cidade, deram começo ao saque, em diversas casas comerciais passando depois ás casas particulares, donde levaram tudo, inclusive as panelas [...] Bagé está completamente em ruínas: casas saqueadas, incendiadas, outras estragadas pelas balas de fuzilaria e artilharia, dá pena tantos estragos. (*Diário Popular*. Pelotas. p.1, 24 jan. 1894.)

A rendição chega a ser oferecida pelos federalistas ao coronel José Maria da Silva Telles que, “ao saber da intimação declararam unanimemente que preferiam morrer” (*Diário de Pelotas*. Pelotas. 24 jan. 1894) nos traz uma mostra dos valores e da forte

determinação que envolvia a resistência das tropas que ficaram entrincheiradas nas 8 aberturas das ruas ao redor da Catedral de São Sebastião. Os federalistas ocuparam a cidade e invadiram casas e estabelecimentos comerciais conforme é possível verificar nas fotografias como na chapelaria de José Manoel Rodrigues e na Livraria “Popular”, além do mercado público e do teatro municipal. Além disso, a tipografia do jornal *15 de Novembro*, que foi uma importante fonte de informações para a pesquisa, uma vez que jornais de Pelotas e de Rio Grande exibiam em suas páginas, notícias que eram enviadas por esse jornal de Bagé a eles informando o que se passava na cidade. Também entre os estabelecimentos estavam outras casas de famílias, estabelecimentos rurais ao entorno da cidade que também lhes servia de acampamento. Entre outras ações na tentativa de isolar a cidade, os federalistas sabotaram a estrada de ferro que ligava Bagé a Pelotas, porém, acabaram desistindo do cerco após o envio de reforços por parte dos legalistas a cidade que ainda assim resistiu a duras perdas por 42 dias de cerco.

#### 4 CONCLUSÃO

Além de evidenciar a importância estratégica de Bagé, para ambos os lados foi possível averiguar a violência praticada pelos dois lados envolvidos e consequências numa cidade populosa como Bagé no período da Revolução Federalista de 1893 no Rio Grande do Sul. Ainda, ficou visível uma forte ideologia e um posicionamento político bem claro nos jornais consultados. De um lado são mostrados os federalistas como vilões e os castilhistas como vítimas e de outro o contrário. Através da pesquisa foi possível notar que os excessos ocorreram dos dois lados que promoveram saques e desordens em Bagé iniciados um ano antes da deflagração do conflito em 1893.

#### 5 REFERÊNCIAS

- FRANCO, Sérgio da Costa. *Júlio de Castilhos e sua época*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1996.
- PESAVENTO, Sandra J. *A Revolução Federalista*. São Paulo: Brasiliense, 1983
- DOURADO, Ângelo. *Voluntários do Martírio. Narrativa da revolução de 1893*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1977.
- WASSERMAN, Claudia. O Rio Grande do Sul e as elites gaúchas na Primeira República: guerra civil e crise no bloco do poder. In: GRIJÓ, Luiz (et. Al.). *Capítulos de História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2004, p.273-289.